



A pesquisa em comunicação na Amazônia brasileira e a “Escola Francesa”¹

Edileuson ALMEIDA²

Universidade Federal de Roraima

Resumo

Este artigo trata sobre um breve estudo exploratório com o objetivo de sistematizar e relatar a presença do ensino em comunicação na Amazônia brasileira (mas especificamente nos estados de Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima) a partir da criação do primeiro curso da área na região; recai a ênfase sobre os cursos de graduação em Comunicação e suas diversas habilitações (só há um Programa de mestrado em Comunicação na região delimitada). Num segundo momento trata sobre a produção científica; quanto ao desenvolvimento da pesquisa, o foco recairá sobre os artigos científicos publicados, para identificar a presença do “pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação” nos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores em comunicação da Amazônia brasileira.

Palavras-chaves: França/Brasil; “Escola Francesa”; Comunicação; Ensino e Pesquisa; Amazônia Brasileira

La recherche en Communication dans l'Amazonie Brésilienne et “l'École Française”

Résumé

Cet article s'agit-il d'abord d'une brève étude d'exploitation dont le but est celui de systématiser et d'exposer la présence des cours de Communication dans l'Amazonie Brésilienne (plus précisément dans les états de l'Acre, de l'Amapá, de l'Amazonie, du Pará, de Rondônia et de Roraima), à partir de l'implantation du premier cours de Communication dans la région. Nos regards sont tournés surtout vers les cours de graduation en Communication et ses habilitations diverses. Il n'y a qu'un programme de maîtrise en Communication dans la région en question. Deuxièmement on prétend faire un bilan concernant la production scientifique des chercheurs brésilien dans le domaine de la Communication avec le but d'identifier la présence de la pensée française contemporaine concernant l'étude de Communication dans les études développées par les chercheurs de Communication dans l'Amazonie Brésilienne.

Mots-clés: France/Brésil, “École Française”, Communication, enseignement et recherche, Amazonie Brésilienne.

¹ Trabalho apresentado no **IX Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação**, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, Paraná, Brasil, 3 e 4 de setembro de 2009.

² jornalista (UFRR), especialista em Docência no Ensino Superior (FAA), mestre em Ciências da Comunicação (USP), professor-assistente do Curso de Comunicação Social (hab. Jornalismo) da UFRR, professor do curso de Comunicação Social da FAA/RR, analista de Comunicação Social do Governo de Roraima. edileuson Almeida@yahoo.com.br



Notas introdutórias: Apresentação e Esclarecimento

A opção do autor pelo uso do termo Amazônia brasileira justifica-se por assim ser tratada a parte da Amazônia³ que é de domínio pátrio brasileiro, cujo território estende-se por nove estados, sendo seis deles integralmente localizados na Amazônia (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima) e outros três apenas parcialmente (Mato Grosso, Tocantins e Maranhão). Porém, neste estudo optou-se pela inclusão apenas dos estados brasileiros integralmente localizados na maior floresta do planeta (na geografia e na biodiversidade⁴). Portanto, ao longo deste artigo quando tratamos dos estados delimitados no estudo na coletividade a expressão “Amazônia brasileira” é entendida como equivalente.

A pesquisa que é relatada refere-se a uma região que ocupa uma área de aproximadamente 3,6 milhões de Km², o que representa quase 2/3 da área total da Amazônia⁵. Quando comparada com o tamanho do território nacional, a Amazônia brasileira ocupa algo em torno de 40% da área total do Brasil⁶. É onde vivem quase 12 milhões de pessoas⁷.

É uma região onde a comunicação mediática é concentrada nas capitais (emissores e boa parte dos receptores) e tecnicamente quase sempre retardatária, em comparação com as demais regiões do Brasil, em especial com o sudeste. Em tempo: a diferença é de 43 anos entre a circulação do primeiro jornal brasileiro e o primeiro o primeiro jornal da região; A televisão levou 15 anos e o Rádio quase uma década: “(...) o mais antigo veículo de comunicação da Amazônia [brasileira] é de 1851: o periódico Cinco de Setembro [sediado em Belém-PA e ainda em circulação]. Em 1927, foi a vez do rádio. Naquele ano, a capital amazonense recepcionaria pela primeira vez o sinal de um programa radiofônico produzido localmente: a *voz de Manaus*. A televisão chegou em 1965, os pioneiros foram novamente os amazonenses, com a *TV a cabo Manauara* (Almeida, 2008, p. 343). Referindo-nos ao jornal⁸ é de baixa circulação, reduzida distribuição e enorme concentração, e ainda são poucos (não

³ O território amazônico também chamado de Pan-Amazônia, expande-se por oito países (Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Venezuela) e ocupa uma área superior a seis milhões de quilômetros quadrados.

⁴ Para uma imersão intensa e muito interessante sobre o assunto a sugestão é a obra coordenada por João Paulo Ribeiro CAPOBIANCO (1998): Biodiversidade na Amazônia Brasileira: Avaliações e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição (São Paulo, Estação Liberdade, Instituto Socioambiental)

⁵ Dada a divergência de número entre vários autores (Giansanti, 1998; Mendes, 2001; Capobianco, 2001) quanto a área total da Amazônia: “A Amazônia (...) são cerca de 5,5 milhões de Km²” (Giansanti, 1998, p.77); “A Amazônia Continental ou Pan-Amazônia (...) alcança 7,8 milhões de Km²” (Mendes, 2001, p. 25); “Pouco mais de seis milhões de quilômetros quadrados (...) se estima a área total da Amazônia” (Capobianco, 2001, p. 13), optou-se por Capobianco.

⁶ Área do Brasil 5.514.204,8 Km², segundo o IBGE.

⁷ Censo 2000, Fonte:IBGE

⁸ Muito já estão on-line e a barreira começa a ruir, porém há uma volatilidade muito grande no surgimento e desaparecimento de jornais impressos na região, e muitos se quer chegam a ganhar uma versão on-line.



passa de duas dezenas de periódicos em cinco estados) e isolados⁹. As emissoras de rádio não chegam a três dezenas. No caso da televisão o quadro é diferente: são mais de 40 emissoras de televisão, todas elas ligadas a uma cabeça de rede (canal nacional), Roraima lidera com 12 canais VHF/UHF.

Também é recente a presença do ensino superior em Comunicação Social. O primeiro curso da área instalado na região foi o de jornalismo, em 1969, na Universidade Federal do Amazonas¹⁰. Nos seis estados, atualmente 26 Instituições de Ensino Superior (quatro públicas e 22 privadas) oferecem cursos de Graduação em Comunicação Social, em seis habilitações (mais detalhes, ver adiante: *A Comunicação na Amazônia brasileira: Ensino – Dados preliminares*).

Quanto à pesquisa, é fragmentada e esporádica, para se ter uma ideia, nenhuma das instituições dispõe de uma revista científica ou qualquer outro veículo com o propósito de socializar possíveis resultados de pesquisas em comunicação social.

Nos últimos três anos a consolidação dos Congressos Regionais de Ciências da Comunicação, promovidos pela Intercom¹¹ anualmente em todas as cinco regiões do país, iniciados no sudeste a quase três décadas e ocorrido na sua oitava versão, na região Norte, em 2009, na Cidade de Porto Velho-RO, tem estimulado a participação de estudantes de graduação (iniciação científica e trabalhos experimentais) e professores, pós-graduados e pesquisadores (comunicações científicas) na publicação de artigos científicos e apresentação de trabalhos experimentais da graduação (processo ou produto).

São nessas comunicações científicas que buscaremos a presença do pensamento contemporâneo em comunicação da “Escola Francesa”, que é o que nos interessa na fase final deste trabalho, ou seja, tomaremos como objeto de análise os artigos científicos apresentados e publicados nos Anais dos últimos três congressos regionais de Ciências da Comunicação na região Norte, promovidos pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

⁹ Um estudo detalhado sobre a presença da mídia na região é apresentado na dissertação de mestrado *Imagens da selva: Telejornalismo e desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira*. São Paulo, ECA/USP, 2003.

¹⁰ Fonte: http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/educacao_superior.stm <acesso em 19.jun.2009>

¹¹ A Intercom é uma entidade civil pública, criada em 1977 e que promove seis congressos anuais (cinco regionais e um nacional) sobre Ciências da Comunicação. Tem o importante papel de arregimentar e consolidar a comunidade nacional acadêmica das Ciências da Comunicação. (...) desde a sua fundação, sempre assumiu o compromisso explícito com o pluralismo teórico, diversidade metodológica e liberdade de expressão.



Objeto e Método – A coleta e a Análise dos Dados

A realização periódica dos congressos regionais em Ciências da Comunicação na Amazônia Brasileira, em sistema de Rodízio (V Intercom Norte¹² 2006 – Manaus/AM; VI Intercom Norte 2007 – Belém/PA; VII Intercom Norte 2008 – Boa Vista/RR; VIII Intercom Norte 2009 – Porto Velho/RO; IX Intercom Norte 2010 – Rio Branco/AC¹³) tem estimulado a produção científica em Comunicação na região e ensejado uma regularidade na apresentação e publicação de artigos científicos da graduação à pós-graduação e também de organismos externos à academia.

A professora e pesquisadora Margarida Maria Krohling Kunsch observa que “levantar, verificar, analisar e avaliar a produção científica de uma área de conhecimento não é tarefa fácil”, e justifica como barreiras: “Dificuldade de acesso, e critérios para definir o que é de fato ‘produção científica’” (2003, p. 93). No nosso caso se não há a primeira situação, a segunda é realmente um grande desafio.

Para Geraldina Porto Witter, produção científica “é a forma pela qual a universidade ou a instituição de pesquisa se faz presente no saber-fazer-poder ciência” (apud Kunsch, 2003, pp. 95-96.). Lopes, por outro via, entra no mérito da questão e reforça que “o crescimento de um campo científico só se dá mediante o permanente confronto da teoria com os fatos, fatos esses que devem ser criteriosamente colhidos e transformados em objetos científicos por meio da manipulação e elaboração intelectuais” (2005, p. 141).

Por isso, é para contribuir com a compreensão sobre a produção científica em comunicação, e numa tentativa de passo adiante, tecer comentar a influência da “Escola Francesa” nestes estudos amazônicos que motivam esse estudo. A amostra delimitada para pesquisa concentra-se no universo da produção acadêmica apresentada em evento técnico-científico e que conste dos Anais do evento. Decidiu-se pela delimitação que leva em consideração os congressos regionais da Intercom por vários razões, entre elas: a regularidade (anual), a pluralidade (abarca todas as habilitações e valoriza a interdisciplinaridade), a circularidade (o sistema de rodízio nas sedes, o que é importante em uma região tão extensa e com limitações na circulação) e a diversidade (o formato dos congressos incluem

¹² Apesar de fazer parte da região Norte, o estado de Tocantins, por questão geográfica, se integra ao Intercom Centro-Oeste.

¹³ Previsto para ocorrer no mês de junho de 2010, sob a coordenação regional do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Acre (UFAC).



conferências, comunicações científicas, exposições de projetos e trabalhos, oficinas, mesas-redondas e ainda uma variedade nas temáticas abordadas).¹⁴

Serão sistematizadas e analisadas a produção de estudantes de graduação (Intercom Júnior) e de profissionais, professores, pós-graduando, pós-graduados e pesquisadores (comunicações científicas) em Comunicação, publicada nos Anais dos Congressos Regionais em Ciências da Comunicação de 2007 (Belém), de 2008 (Boa Vista) e de 2009 (Porto Velho).

Para melhor organização, análise e compressão dos dados obtidos, os mesmos serão agrupados em duas categorias: Intercom Júnior (graduação) e Comunicação Científica (profissionais, professores, pós-graduando, pós-graduados e pesquisadores) e, posteriormente, sistematizados levando-se em consideração informações como: Título do Trabalho, Autor(es), Instituição, Estado, Palavras-Chaves e Divisão Temática (linha de pesquisa ao qual está relacionado o estudo, conforme classificação proposta pela Intercom) e corrente de fundamentação teórica predominante.

E para facilitar a compreensão da distribuição dessa produção acadêmica, é bom dispor também de dados sobre os cursos na área de Comunicação Social¹⁵ nos estados delimitados, os tipos e organização das IES que oferecem os cursos, as habilitações disponíveis, vagas oferecidas anualmente, o que vai nos permitir conhecer a localização e a distribuição dos cursos instalados na região nos últimos 40 anos (1969-2009).

A fase final será então relatar o que é possível inferir a partir dos dados coletados, ou seja, após apresentar dados preliminares sobre o ensino e a pesquisa em comunicação na Amazônia brasileira e um breve relato sobre a “Escola Francesa” e suas diversidades de pensamento contemporâneo sobre a comunicação, abordaremos dados que concretizam a presença da “Escola Francesa” na pesquisa em Comunicação na Amazônia brasileira.

A Comunicação na Amazônia brasileira: Ensino – Dados preliminares

O primeiro curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) foi criado em Manaus (AM), na Universidade Federal do Amazonas, em 1969. Nos anos seguintes, foi essa a evolução dos cursos de comunicação na Amazônia brasileira: 1969 – 1; 1976 – 2; 1977 – 1; 1990 – 2; 1991 – 1; 1996 – 3; 1998 – 3; 2001 – 3; 2002 – 6; 2003 – 5; 2004 – 4; 2005 – 3; 2006 – 6; 2007 – 5; 2009 – 4 (ver **Gráfico 1**). Quanto ao ensino de pós-graduação (*stricto*

¹⁴ Em 2007 o eixo-central foi “Mercado, região e comunicação na sociedade digital” (“Comunicação na Amazônia: do oral ao digital”, foi o eixo-regional); em 2008 foi “Mídia, Ecologia e Sociedade” (não houve eixo-regional); em 2009 foi “Comunicação, Educação e Cultura na era digital”.

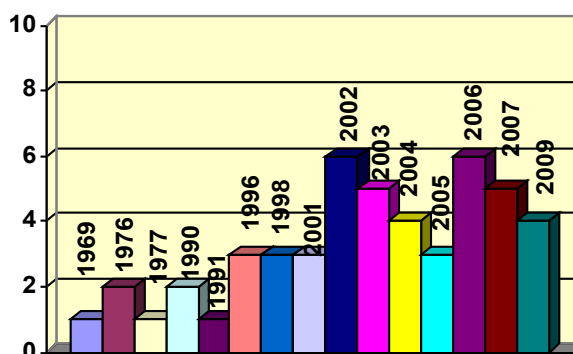
¹⁵ É intenção do autor desenvolver posteriormente pesquisa sobre a presença da “Escola Francesa” no Ensino da Comunicação (nível graduação) na Amazônia brasileira.



sensus), dos 36 programas de pós-graduação (23 mestrado e 13 mestrado/doutorado) oferecidos atualmente no Brasil apenas um funciona na região: O programa de pós-graduação (mestrado) em Ciências da Comunicação, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Gráfico 1

Cursos de Comunicação Social (por habilitação) criados em 40 anos (1969-2009)



Fonte: <http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/> (visitado em 16.jun.2009)

Atualmente são 26 Instituições de Ensino Superior (IES) autorizadas a oferecer cursos nas habilitações de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Produção Editorial, Multimídia, Radialismo. Sendo que dez IES funcionam no Pará (municípios de Ananindeua, Belém [capital], Parauapebas e Santarém), seis no Amazonas (Manaus [capital] e parintins), três no Acre (Rio Branco), três no Amapá (Macapá), três em Rondônia (Ji-paraná e Porto Velho [capital]) e duas em Roraima (Boa Vista).

No levantamento realizado um dado que chama a atenção é a concentração de cursos de comunicação em instituições de ensino superior privadas, das 26 IES pesquisadas apenas quatro são públicas (Universidades Federais¹⁶), outras 22 são privadas, sendo cinco Centros Universitários¹⁷ e 17 Faculdades¹⁸. O **Gráfico 2** (Tipos de IES com curso de Comunicação Social) ajuda a explicitar o cenário. Quanto a organização, estas instituições se distribuem em Pública Federal (4), Privada – Particular em Sentido Estrito (20), Privada – Comunitária (1), Privada – Confessional Filantrópica (1).

¹⁶ São instituições pluridisciplinares, públicas ou privadas, de formação de quadros profissionais de nível superior, que desenvolvem atividades regulares de ensino, pesquisa e extensão.

Fonte: http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/educacao_superior.stm <acesso em 19.jun.2009>

¹⁷ São instituições de educação superior, públicas ou privadas, pluricurriculares, que devem oferecer ensino de excelência e oportunidades de qualificação ao corpo docente e condições de trabalho à comunidade escolar.

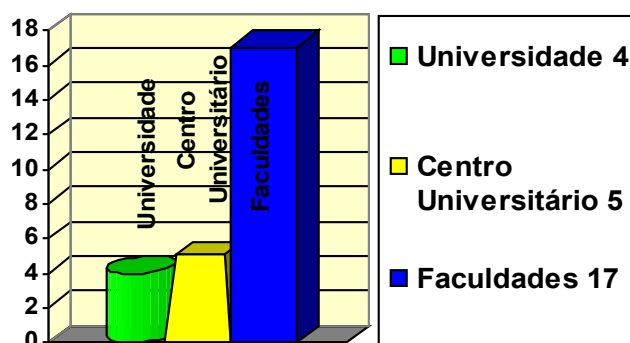
Fonte: http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/educacao_superior.stm <acesso em 19.jun.2009>

¹⁸ São instituições de educação superior públicas ou privadas, com propostas curriculares em mais de uma área do conhecimento, organizadas sob o mesmo comando e regimento comum, com a finalidade de formar profissionais de nível superior, podendo ministrar cursos nos vários níveis (seqüenciais, de graduação, de pós-graduação e de extensão) e modalidades do ensino. Fonte: http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/educacao_superior.stm <acesso em 19.jun.2009>



Gráfico 2

Tipos de IES com curso de Comunicação Social

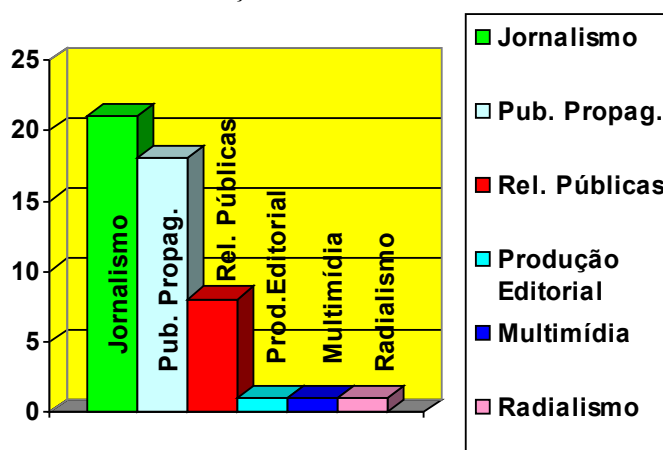


Fonte: <http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/> (visitado em 16.jun.2009)

Nestas 26 IES são oferecidas vagas em diversas habilitações da Comunicação Social. O **Gráfico 3** (Habilitações oferecidas nas IES) faz um comparativo, com destaque especial aos cursos de Jornalismo (oferecido em 21 IES) e de Publicidade e Propaganda (oferecido em 17 IES) disponíveis em todos os seis estados; quanto ao curso de Relações Públicas (oferecido em oito IES) está presente em quatro estados (AM, AP, PA, RO); no caso das habilitações Produção Editorial (oferecido em 1 IES) e Radialismo (oferecido em 1 IES) ambas só são encontradas em Manaus (AM); Já a habilitação Multimídia (oferecido em 1 IES) só está disponível no Pará.

Gráfico 3

Habilitações oferecidas nas IES



Fonte: <http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/> (visitado em 16.jun.2009)

O MEC autoriza para essas IES mais de 5 mil vagas por ano nas diversas habilitações dos cursos de Comunicação Social, com especial destaque para a Publicidade e o Jornalismo com mais de 4 mil vagas/ano. Por habilitação, são autorizadas 2.230 vagas/ano em Publicidade e Propaganda, 2.160 vagas/ano em Jornalismo, 538 vagas/ano em Relações



Públicas, 40 vagas/ano em Produção Editorial, 150 vagas/ano em Multimídia, 100 vagas/ano em Radialismo.

A “Escola Francesa” – Um caminho de diversidades

Tentar compreender um pensamento francês sobre comunicação é trilhar um caminho com vários viés, com várias entradas e passagens. O nó começa com uma consulta ao texto de Juremir Machado da Silva (In: Hohlfeldt *et all*, 2001):

Por mais que se fale de uma “Escola Francesa”, quase sempre com intenção pejorativa, a expressão é um paradoxo (...). Sem nenhuma dúvida, pode-se afirmar desde o princípio que nunca houve uma escola francesa de reflexão sobre a comunicação. (...) Para não se perder tempo com um falso dilema, basta tomar a atualidade e perguntar: com agregar numa escola francesa Pierre Bourdieu, Edgar Morin, Paul Virilio, Michel Maffesoli, Jean Braudillard, Lucien Sfez, Jacques Derrida, Dominique Wolton, Pierre Lévy e Régis Debray? (p. 172).

Para os Mattelart (2001) a criação do Centro de Estudos das comunicações de Massa (CECMAS), no interior da Escola de Prática de Altos Estudos, fundado por iniciativa do sociólogo Georges Friedmann “representa a primeira tentativa séria de constituir na França um círculo e uma problemática de pesquisa em comunicação”. Afirma que o programa do CECMAS consiste na análise das “relações entre a sociedade global e as comunicações de massa, que se integram funcionamento a ela”. Seu objetivo “é remediar o atraso da pesquisa francesa em uma área em grande parte dominada pela análise funcional americana e a carência de uma perspectiva transdisciplinar” (p. 90).

Para Wolf (2005) não foi diretamente sobre os meios de comunicação de massa e nem tão pouco sobre seus efeitos sobre o destinatário que os pesquisadores do CECMAS se detiveram.

À medida que a teoria crítica tornava-se o pólo de referência para os estudos que não se identificavam com a elaboração da pesquisa administrativa, outra área de interesses e de reflexão, também oposta à *communication research*, começou a ser preparada sobre tudo na cultura francesa. Trata-se da chamada ‘Teoria Culturológica’: sua característica fundamental é estudar a cultura de massa, determinando seus elementos antropológicos mais relevantes e a relação que nela se instaura entre o consumidor e o objeto de consumo. (...) o objeto de análise programaticamente perseguido é a definição da nova forma de cultura da sociedade contemporânea” (p. 93-94).

Enquanto os Mattelart apontam Georges Friedmann, ao torno de quem se reúnem Edgar Morin e Roland Barthes, como o precursor da corrente. Enquanto Barthes persegue seu projeto de desenvolver “uma verdadeira ciência da cultura de inspiração semiológica” (CECMAS). Os estudos de Friedmann “sobre o trabalho e a técnica levaram-no a se dedicar aos problemas da civilização tecnicista, a seus ‘fenômenos de massa’; produção e consumo de massa; audiência de massa; surgimento do tempo do não-trabalhado; generalização do lazer”.



Quanto a Edgar Morin, foi um dos “primeiros a refletir sobre a importância que assume a mídia e questionar os valores dessa nova cultura” (p. 92).

Wolf aponta Edgar Morin e seu trabalho *L'esprit du temps* (1962) como a obra e o autor que “inauguram” o que ele chama de “corrente culturoológica”. Morin nessa obra¹⁹ de fato só fala sobre as *mass media*, ao abordar sobre a presença do imaginário nas mensagens mediatizadas, um fator cada vez mais intenso desde o início do século XX.

Forma-se então um duplo setor no seio das *massa media*: existe em todo espetáculo de cinema, ao lado do grande filme romanesco, uma parte de atualidades, até mesmo do documentário; os programas de televisão são distribuídos segundo uma alternância do informativo e do imaginário, do documentário e do espetáculo; a mesma dualidade se dá, do modo diverso, na imprensa (o romanesco é minoritário na imprensa quotidiana, preponderante na imprensa amorosa) (Morin, 2005, p. 98).

Para Silva (2001), a verdade é que “nem todos os intelectuais apresentados até agora se dedicaram de forma continuada e profícua aos estudos da comunicação”, pois de certo modo, “os franceses nunca chegaram a fechar questão sobre o ‘campo’ da comunicação” (p. 172).

O CECMAS, segundo os Mattelart, mudou duas vezes de denominação: “em 1974, torna-se o Centro de Estudos Transdisciplinares, Sociologia, Antropologia, Semiologia (CETSAS); em 1979, é rebatizado como CETSAP, a semiologia suprimida em benefício da política” (Mattelart e Mattelart, 2001, p. 92).

A pesquisa em Comunicação na Amazônia brasileira e a “Escola Francesa”

A pesquisa em comunicação, na América Latina, revela marcos históricos do século passado e principalmente deste [século XX]. Mas na realidade a sua institucionalização como campo científico somente ocorreu a partir de 1960 (Marques de Melo, 1985). O CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina), uma iniciativa da UNESCO, instalado em Quito (Equador), “é a primeira agência de fomento e de formação cultural (...) irradiando uma certa mística da pesquisa em comunicação” (Idem, p. 29), institucionalizando o que até então era apenas atividade episódica e ocasional²⁰.

Ao fazer um panorama sobre a pesquisa em comunicação no Brasil, o professor José Marques de Melo observa que somente nas últimas décadas do século passado é que “as

¹⁹ No Brasil, traduzida por Maura Ribeiro Sardinha e publicada pela editora Forense Universitária sob o título de *Culturas de massa no século XX: neurose*, chegou em 2005 a sua nona edição.

²⁰ “Dois modelos de pesquisa, disseminados pelo CIESPAL, ganham amplitude: o estudos de morfologia e conteúdo da imprensa (metodologicamente orientados pelo francês Jacques Kayser) e os estudos sobre o comportamento do público consumidor dos meios de comunicação (metodologicamente inspirados nas técnicas norte-americanas de leitura e de análise de audiência)” (In: Melo, 1985, p. 29).



agências nacionais de fomento à produção científica e cultural reformularam seus esquemas de classificação do Conhecimento para incluir a sub-área ‘Comunicação’” (In: Barbosa, 2007, p. 25).

Melo observa que os maiores centros dedicados a essa pesquisa são as universidades, especificamente as escolas de comunicação. “Se bem que em tais instituições a pesquisa não assuma, ainda hoje, o caráter de ação prioritária. Elas continuam a se dedicar preferentemente ao ensino, vale dizer, à transmissão de conhecimentos em sala de aula, relegando a pesquisa a uma posição secundária (...)” (Idem, p.26).

Porém, ainda de acordo com Marques de Melo (ibidem), o maior volume de produção acha-se concentrado nas escolas que mantêm programas avançados, ao nível de pós-graduação, figurando a grande maioria, que se dedica apenas ao ensino de natureza profissionalizante (graduação).

Ao descrever as “Fases da pesquisa em Comunicação” no Brasil, Marques de Melo nos aponta seis momentos:

- I) Os “Estudos históricos e jurídicos” desenvolvidos no fim do século XIX até a década de 1930, tiveram bastante influência europeia, principalmente de países como França, Itália e Espanha. No referido período havia uma preocupação dos “historiadores tradicionais em registrar memórias da imprensa e dos jornalistas (...)”, enquanto que a preocupação dos juristas era “em realizar a exegese dos estudos legais que regulamentam a liberdade de expressão, os crimes de imprensa, controle sobre os meios de difusão cultural”;
- II) A “pesquisa mercadológica” foi hegemônica nas décadas de 40 e 50 do século XX e “reflete nitidamente a transformação da estrutura produtiva brasileira”. (...) Trata-se de um período em que a pesquisa sobre os processos de comunicação de massa é feita segundo os parâmetros da sociologia e da economia;
- III) O “Comparativismo e difusionismo” foram observados na primeira metade da década de 1960. O período se “caracteriza-se pelo surgimento de dois novos pólos onde os fenômenos de comunicação são pesquisados. Primeiro: (...) cursos de jornalismo, sob a influência da CIESPAL; Segundo: Os organismos dedicados à assistência técnica e creditícia na área rural (...). A pesquisa



realizada nas escolas de jornalismo segue padrões universitários importados da Europa e dos Estados Unidos, via Quito”;

- IV) O “Deslumbramento e apocalipse” – o golpe militar de 1964 interrompe a pesquisa na universidade. “Os meios de comunicação crescem e adotam tecnologias recente (...) contando com subsídios do próprio estado e das empresas estrangeiras. A segunda metade da década de 60 e a primeira da década de 1970 marcam o surgimento de uma indústria da cultura no país (revistas, fascículos, livros, discos, cinema, televisão etc.). (...) As mutações ocorridas nos meios de comunicação e seu impacto junto à sociedade despertam o interesse de pesquisadores. (...) Tanto aquelas atuantes nas escolas de comunicação, quanto (...) nos institutos de ciências sociais. Os primeiros motivados pela compreensão do crescimento da indústria da comunicação de massa (...). Os segundos, atraídos pelas inovações sócio-culturais (...) e seus reflexos nas mudanças de comportamento da nossa população. Os estudos (...) oscilam entre o deslumbramento em faces dos novos fenômenos (...) e o receio apocalíptico diante de sua expansão vertiginosa (...). É um período rico, que se orienta por modelos absorvidos dos CECMAS (Paris), da Escola de Frankfurt, do Núcleo de Pesquisa de Milão (Eco)”;
- V) A “Legitimação acadêmica” – Na segunda metade da década de 1970 “observa-se uma descompressão também na vida universitária e a pesquisa científica retoma a sua trajetória peculiar (...)”. São apresentados os primeiros trabalhos de mestrado em Comunicação no Brasil;
- VI) A “Politização dos estudos de comunicação” – os anos de 1980 observam-se dois fatos ligados à pesquisa em comunicação: I) O rompimento da barreira do funcionalismo norte-americano e da teoria crítica. II) A articulação entre os próprios pesquisadores e cria-se a Intercom com papel de exerce aglutinação acadêmica (ciclo de estudos e publicações periódicas) e política (conquista de espaço junto às agências de fomento à pesquisa científica). (Ibidem, p. 27-31)



Na Amazônia brasileira atualmente só há um programa de pós-graduação (*stricto sensus*) em funcionamento desde a última década do século passado. O mestrado em Ciências da Comunicação é oferecido pela Universidade Federal do Amazonas. Levando só isso em consideração e se tomarmos a classificação proposta por Marques de Melo nos incluiremos na última fase, mas especificamente no segundo momento. Uma das fragilidades da pesquisa em comunicação na Amazônia é o isolamento provocado pela imensidão geográfica do país. O aparecimento da Intercom produz uma alteração no panorama “porque se organiza uma sociedade científica de novo tipo: pluralista, (...) democrática, (...) e, sobretudo, ativa” (Ibidem, p.33). Levando em consideração estes dois pressupostos, nossa análise recai sobre os artigos científicos apresentados e publicados nos dos congressos regionais da Intercom na Região Norte (VI Intercom Norte 2007 – Belém/PA; VII Intercom Norte 2008 – Boa Vista/RR; VIII Intercom Norte 2009 – Porto Velho/RO).

Nos últimos três congressos regionais que reuniram mais de dois mil congressistas (80% deles alunos da graduação) foram apresentados no Intercom Júnior²¹ 49 artigos científicos, sendo que no VI Intercom Norte 2007 (Belém-PA) foram apresentados 27 trabalhos; no VII Intercom Norte 2008 (Boa Vista-RR) foram sete trabalhos publicados nos anais; e no VIII Intercom Norte 2009 (Porto Velho – RO) foram apresentados 16 trabalhos de iniciação científica. Se formos detalhar os trabalhos apresentados por instituição: UFPA – 27; UNAMA/PA – 6; UFAM/AM – 4; IESAM/PA – 2; UFRR/RR – 2; CEFET/AM – 1; Uninorte/AM – 1; UNIR/RO – 1; UFSE/SE – 1; UEAM/AM – 1; FBN/AM – 1; Universidade Tiradentes/SE – 1; UNIRON/RO – 1. Por Estado teríamos a seguinte composição: PA – 35; AM – 8; RO – 2; SE – 2; RR – 2. Classificados a partir de temáticas, foram apresentados 16 trabalhos em Jornalismo; nove em Audiovisual; seis em Multimídia; três em Comunicação Aplicada ou segmentada; três sobre Comunicação, Espaço e Cidadania; três sobre Práticas sociais de comunicação; dois sobre Relações Públicas; dois sobre Comunicação Organizacional, Relações Públicas e Propaganda; dois sobre Teorias da Comunicação; um sobre Estudos Interdisciplinares de Comunicação; um sobre Interfaces Comunicacionais; um sobre Publicidade e propaganda.

Quanto à produção científica apresentada por profissionais, professores e pesquisadores, mestres e doutores nos últimos três anos, foram publicadas 36 comunicações científicas, sendo que no VI Intercom Norte 2007 (Belém-PA) foram apresentados 16 trabalhos em sete Divisões Temáticas; no VII Intercom Norte 2008 (Boa Vista-RR) foram

²¹ Espaço para apresentação de artigos científicos de estudantes de graduação e recém-egressos dos cursos de Comunicação Social.



oito trabalhos distribuídos em cinco Divisões Temáticas; e no VIII Intercom Norte 2009 (Porto Velho – RO) foram apresentados 12 trabalhos em seis divisões temáticas.

Também nessa categoria a Universidade Federal do Pará (UFPA) foi a instituição que mais apresentou trabalhos, oito nos 3 anos, seguida por UNIRON/RO – 4; UFRR/RR – 3; Uninorte/AM – 3; UNIR/RO – 3; UFAM/AM – 2; UNAMA/PA – 2; Embrapa/RO – 1; Iesacre/AC – 1; IESAM/PA – 1; Faculdades Seama/AP – 1; Museu EmilioGoeldi/PA – 1; PASCOM/PA – 1; UFBA/BA – 1; UFMT – 1; UFRJ – 1; UNISINOS/RS – 1; Universidad de Málaga (Espanha) – 1. Numa divisão por estado temos a seguinte composição: Pará – 13; Rondônia – 8; Amazonas – 5; Roraima – 3; Acre – 1; Amapá – 1; Bahia – 1; Mato Grosso – 1; Rio de Janeiro – 1; Rio Grande do Sul – 1; Espanha – 1.

Numa leitura a partir das Divisões temáticas, eis o quadro que se apresenta: Jornalismo – 7; Audiovisual – 6; Mediações e Interfaces Comunicacionais – 4; Publicidade e Propaganda – 4; Práticas sociais de comunicação – 4; Relações Públicas e Comunicação Organizacional – 3; Estudos interdisciplinares da comunicação – 2; Teorias da Comunicação – 2; Comunicação Aplicada ou segmentada – 1; Comunicação, Espaço e Cidadania – 1; Cibercultura e tecnologia da comunicação – 1; Multimídia – 1.

E quanto aos trabalhos que se originam com base no pensamento francês são destaques os artigos produzidos pelos acadêmicos e recém-graduados nas escolas de comunicação da Amazônia brasileira. Do total de 49 artigos apresentados nas seções do Intercom Júnior 18 deles citam em suas referências contribuições da “Escola Francesa”. Porém, somam 14 os artigos que recorrem diretamente ao pensamento francês: Linguística (Saussure); Análise do Discurso (Foucault); Corrente Culturológica (Morin); Cibercultura (Lévy).

Nas divisões temáticas, onde se apresentam os profissionais, professores, pesquisadores e pós-graduados (mestrado e doutorado) foram identificados 15 artigos científicos (do total de 36 artigos apresentados nos três anos) que citam obras de autores franceses. Porém, menos da metade (somente sete) recorrem ao pensamento francês: Corrente culturológica (Morin); Análise do discurso (Saussure); Cibercultura (Lévy); Semiologia (Barthes).

Por ordem, os autores mais citados são Michel Foucault (18 trabalhos), Pierre Bourdieu (9 trabalhos), Pierre Lévy (8 trabalhos), Edgar Morin (5 trabalhos) e Jean Baudrillard (4 trabalhos), há menção ainda a Lyotard, Barthes, Kristeva, Breton, Deleuze e Ramonet.



Quanto aos autores franceses mais citados, Barthes é mencionado com as obras: “imagem e moda” e “A câmara clara”; Baudrillard é referência com as obras: “Para uma crítica da economia política do signo”, “A sociedade de consumo”, “Simulacros e Simulação”; Bourdieu com as obras: “O poder simbólico”, “A economia das trocas simbólicas”; Foucault com as obras: “Microfísica do poder”, “Vigiar e Punir: nascimento da prisão”, “L’ordre du discours”, “A Arqueologia do saber”, “A Ordem do discurso”, “Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)”; Lévy ganha destaque com as obras: “Cibercultura”, “As tecnologias da inteligência”, “O que é virtual?”; Morin é bastante citado com a obra “Cultura de massas no século XX – Neurose” (versão brasileira de Espírito do Tempo).

Notas conclusivas – um porvir

Este artigo é apenas uma abordagem exploratória em busca de identificar a presença do pensamento francês na pesquisa em comunicação na Amazônia brasileira. Um próximo passo precisa ser dado a caminho de uma melhor compreensão sobre as contribuições da “Escola Francesa” para a consolidação da pesquisa e também do ensino em comunicação nesta vasta região brasileira, que timidamente começa a desejar um modelo próprio de análise das *mass media*, e o papel que desenvolve nos espaços acadêmicos e extra-acadêmicos.

Ainda é pequena a produção científica das escolas de comunicação da Amazônia brasileira, mas com grande possibilidade de ampliação, haja vista que os estudantes e pesquisadores dos fenômenos comunicacionais reconhecem o papel que precisa assumir diante de tal desafio, diante da possibilidade de desenvolver mecanismos próprios de abordagem e análise dos fenômenos mediatizados.

Se na fase preliminar a contribuição ainda é tímida, “é possível que, sem os vícios acadêmicos e sem as deformações políticas de que não conseguiram se libertar os pesquisadores da atual geração, esse grupo de novíssimos pesquisadores possam fazer avançar a pesquisa, empurrando-a da pesquisa participativa e da pesquisa-denúncia para a pesquisa-ação” (Melo, In: Barbosa, 2007, p. 39), o pensamento de José Marques de Melo acima habita os desejos da atuação geração e também comunga com a proposta da Intercom ao mostrar-nos que é “urgente a busca de novos parâmetros que fertilizem a sistematização da pesquisa empírica com o germe criticante da reflexão dialética” (Idem, p. 39).



Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Edileuson. **Imagens da Selva – Telejornalismo, desenvolvimento sustentável e Amazônia brasileira**. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação – ECA – USP).
- CAPOBIANCO, Paulo Ribeiro *et all.* **Biodiversidade na Amazônia Brasileira: Avaliações e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição**. São Paulo, Estação Liberdade, Instituto Socioambiental, 1998.
- GIANSATTI, Roberto. **O desafio do desenvolvimento sustentável**. São Paulo, Atual, 1998
http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/educacao_superior.stm <acesso em 19.jun.2009>
- INTERCOM – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, volume XXI, nº 2, jul/dez. 1998.
- INTERCOM – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, volume 30, nº 2, jul/dez. 2007.
- INTERCOM – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, volume 31, nº 2, jul/dez. 2008.
- KUNSCH, Margarida M. Krohling. **Tendências da produção científica em relações públicas e comunicação organizacional no Brasil**. In: Comunicação e Sociedade. São Bernardo do Campo: póscom-Umesp, ano 24, nº 39, p. 93-125, 2003.
- LOPES, Maria Immacolata Vasallo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Loyola, 2005.
póscom-Umesp, ano 24, nº 39, p. 93-125, 2003.
- MATTELART, Armand e MATTELART, Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo, Loyola, 2001, 4ª edição.
- MELO, José Marques de. **Comunicação: Teoria e Política**. São Paulo, Summus, 1985
_____. **Panorama Brasileiro da Pesquisa em Comunicação**. in: BARBOSA, Marialva (org.). Vanguarda do Pensamento Comunicacional Brasileiro: As contribuições da Intercom (1977-2007). Coleção Verde-Amarela volume I – O Sonho Intenso. São Paulo, Intercom, 2007.
- MENDES, Armando Dias. **Amazônia – modos de (o)usar**. Manaus, Editora Valer, 2001
- MORIN, Edgar [tradução de Maura Ribeiro Sardinha]. **Culturas de massa no século XX: neurose**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2005, 9ª edição.
- SILVA, Juremir Machado da. **O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação**. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). Teorias da Comunicação – Conceitos, escolas e tendências. São Paulo, Vozes, 2001, 4ª edição.
- WOLF, Mauro [tradução Karina Jannini]. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.